

A inclusão dos calouros

Depois da maratona das provas e da longa espera pela divulgação dos resultados do Vestibular, candidatos e familiares comemoraram e choraram no campus. UFSC conta com 5.758 novos alunos. Ano letivo inicia dia 14 de março, quando também acontece a recepção aos calouros

p. 10 e 11



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Março de 2011 - Nº 416

Índios mudam a paisagem humana da UFSC

A UFSC inova mais uma vez no campo da cidadania e das ações afirmativas. Significando inclusão social e étnica, o Departamento de História da Universida-

de recebeu em fevereiro os 120 calouros Guarani, Kaingáng e Xonkleng do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Oriundos de

aldeias de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Espírito Santo, vieram em busca do sonho de uma formação específica

p. 6 e 7

Foto: Cláudia Schaun Reis



O novo curso ratifica a política de inclusão social e étnica implementada pela UFSC

A Antropóloga agita as telas em abril

O longa *A Antropóloga*, espécie de divisor de águas na vasta obra do cineasta Zeca Nunes Pires, é um filme de mistério: explora o

fantástico e o imaginário da pródiga cultura ilhoa. Inovador, intercalando a linguagem de documentário com a de ficção, mistura bru-

xas, fadas, beatas, benzedoras, curandeiras, rendeiras e cientistas. *A Antropóloga* estreia no dia 08 de abril em Florianópolis

p. 12

Do Editor

A Mídia da UFSC

“Há jornais demais comandados por jornalistas mais interessados neles mesmos que no seu público” (Robert Thompson, do *Wall Street Journal*)

Além de assobiar e chupar cana, na comemoração dos 50 anos da UFSC, a Agência de Comunicação da instituição (Agecom) cantou e tocou, pelo menos, sete instrumentos. Acionada em 134 atividades e reforçando a Comissão Organizadora do cinquentenário, a equipe surpreendeu a comunidade universitária e a sociedade pela capacidade de superação. Mesmo carecendo de uma estrutura à altura das responsabilidades assumidas, a Política Pública de Comunicação implementada há mais de duas décadas na Universidade deu conta do recado. A visão de comunicação social integrada e a clareza da pluralidade permitiram um amplo leque de parcerias dentro e fora da universidade.

A Agecom, fazendo a divulgação, ajudou a viabilizar e a concretizar iniciativas e projetos que marcaram essa história. O livro dos 50 anos é um exemplo cabal do envolvimento dos profissionais.

Nada disso, evidentemente, seria factível sem o apoio incondicional da Administração Central, da dedicação e do sacrifício dos membros da Comissão Organizadora e do engajamento político da comunidade universitária.

A Universidade precisa informar os resultados dos investimentos públicos. A falta de divulgação enfraquece a saúde de uma instituição.

A mediação com os meios de comunicação, as entidades representativas, os sindicatos e os jornalistas é essencial para legitimar, aproximar e fortalecer a UFSC junto a seus públicos e à sociedade.

Sem ser obrigada, a mídia cumpriu, de forma espontânea, o dever de mostrar criticamente à população o que fez, o que faz, e o que pretende fazer a UFSC, o maior patrimônio público dos catarinenses. Por isso, faz jus ao Troféu UFSC 50 anos - Comunicação, entregue pelo reitor Alvaro Prata e pelo vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Donos do nariz. A autonomia dos aposentados foi sublinhada nas homenagens aos 68 profissionais que deixaram a UFSC em janeiro e fevereiro.

Toninho da Viola. Ao discursar, Antônio Carlos dos Passos se tocou. Cantou a vida toda na Universidade e quase não conhecia ninguém dos que se aposentavam. Revelou, de forma singela, o que todo mundo sabe: a Universidade não se conversa e não se conhece. A comunidade universitária não conhece a Universidade. Cada Centro é uma ilha; cada departamento, um arquipélago; cada Universidade, um Estado! Os estudantes, os servidores e os professores saem sem conhecer a Instituição. Isso é grave!

Memória. O CD com o depoimento dos reitores, produzido pela TV UFSC, enriqueceu o kit entregue pela Reitoria aos aposentados.

Alívio! A comunidade universitária não quer ver os aposentados pelas costas!

Aurélio? O Português vem custando ao procurador Nilto Parma um apelido que causaria lisonja até ao Houaiss: Sepetiba!

Disk-ciência. De tanto ver o pesquisador sendo acionado pela imprensa, orientando do professor Luiz Fernando Scheibe sugeriu criar um “Disk-Scheibe”.

Fome na sexta. Os comerciantes do Centro de Cultura e Eventos, ao que parece, não tomaram conhecimento do horário de verão nas sextas-feiras.

Capacitação. UFSC está rigorosamente em dia com as progressões dos servidores técnico-administrativos. Obra da equipe da PRDHS.

Em dose dupla. Pai orgulhoso matriculou gêmeos nas Ciências Sociais. O coordenador do curso, Itamar Aguiar, ficou emocionado.

Índios na grande Rede. Com base na resenha distribuída pela Agecom e elaborada pela SeCARte, a Licenciatura Intercultural Indígena ganhou divulgação nacional através do Ministério da Educação.

Federalização? Reitor da Furb visitou a Reitoria da UFSC. Professor João Natal Machado foi recebido pelo vice Carlos Alberto Justo da Silva.

Capes WebTV. Prevista para 28 pontos estratégicos no campus da Trindade e nos campi de Araraquá, Joinville e Curitiba, a WebTV, com programação da Capes, está em pleno funcionamento na Biblioteca Universitária, avisa Narcisa Amboni. A programação local envolverá a Agecom e a TV UFSC, lembra José Carlos Petrus, chefe de Gabinete do Reitor.

O Varal Literário é um movimento cultural que surgiu em Joinville na década de 1970. Idealizado pelo poeta Alcides Buss, mais tarde expandiu-se para Florianópolis e ganhou o Brasil. Os poemas estendidos à altura do nariz do leitor chamaram a atenção de Mario Quintana na Feira do livro de Porto Alegre, de outubro de 1983. Na foto, Aldy Maingué, Fábio Brüggemann, Alcides Buss e Alzেমir Vieira assediam Quintana.

Foto: Paulo Dutra/ Acervo Agecom



No CCE. Professor do Departamento de Ciências da Administração e diretor presidente da FEESC, Maurício Fernandes Pereira assumiu a presidência do Conselho Estadual de Educação (CEE) empolgado com a centena de atribuições.

Leitura acessível. O tradicional Feirão da EdUFSC começa no dia 14 na Praça da Cidadania, onde permanecerá até a primeira semana de abril. Os descontos para os títulos da Universidade vão de 50% a 70%. De outras editoras, os preços baixam de 15% a 30%. Serão oferecidas também as publicações da Liga das Editoras Universitárias (LEU). A EdUFSC aproveita para apresentar as novidades da Série Didática.



Reforço. Estudantes do curso de Engenharia de Mobilidade estão mobilizados pela implantação do Campus de Joinville. O terreno começou a ser preparado.

Curva do Arroz. Cavalos dados não se olham os dentes?

Preservação? Embora muito bem atendidos, calouros quase se perderam no mato do Campus.

Funcionou. Twitter da Agecom revelou que matrícula dos calouros transcorreu em clima de normalidade.

Compromisso ratificado. “Meu governo apoiará fortemente o desenvolvimento científico e tecnológico para o domínio do conhecimento e a inovação como instrumento da produtividade” - Dilma Roussef em seu primeiro discurso como presidenta.

Breu. A Universidade precisa ser iluminada.

Frase

Saio com a sensação de missão cumprida (Dilvo Ristoff, ao deixar a Reitoria da Universidade Federal da Fronteira Sul)

Memória

Marcílio Krieger em dois momentos de plenitude

Marcílio Krieger, que se ainda estivesse neste plano, completaria 72 anos em 04 de novembro deste 2010, teve uma vida plena de realização pessoal e profissional, de exercício de uma inteligência muito irrequieta, excepcionalmente criativa e responsavelmente crítica, e da prática de ações sempre fundamentadas em convicções culturais e políticas sólidas. Neste artigo que é modesta homenagem de amigo ao amigo, pretendo objetivamente destacar dois, dentre tantos, grandes momentos da dinâmica plena do Marcílio: (1) o líder estudantil e (2) o dedicado estudioso do Direito Desportivo.

Conheci Marcílio Cesar Ramos Krieger numa reunião de mobilização estudantil que ocorreu no antigo Restaurante Universitário (o “RU”), à rua Álvaro de Carvalho, em Florianópolis/SC. Vivíamos o turbulento ano de 1963, eu era um calouro da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, ele era um líder estudantil universitário que, mesmo estando no seu ano de colação de grau como Bacharel em Direito, prosseguia ativamente e com desempenho destacado no movimento denominado Ação Popular. Diversos oradores o antecederam e ele foi o último a falar naquela noite: mais de 300 estudantes apertados numa sala de refeições improvisada em auditório, esperaram, no mais absoluto silêncio, que Marcílio se colocasse em cima de uma das mesas no centro do “RU”.

Subiu e ali do alto nos olhou muito firmemente e durante 40 minutos estive absolutamente atentos a um orador cuja dicção e tom de voz impressionavam tanto quanto o conteúdo de seu discurso. As suas palavras, em som vibrante, eram em favor de um socialismo que fosse capaz de efetivar uma reforma agrária que atendesse aos anseios legítimos dos camponeses brasileiros, um socialismo que

conferisse à educação e à saúde a condição de prioridades absolutas, não apenas do Estado Brasileiro mas, sobretudo, do Governo Federal de então. A fala era a perfeita combinação da visão ideológica coerente com uma perspectiva pragmática sustentada em fundamentação teórica expressa de maneira simples, objetiva, que traduzia e resolvia a complexidade da conexão entre socialismo e democracia.

Esta plenitude no exercício da liderança estudantil foi o resultado de uma firme autoconstrução personalística na qual pontificou a força de vontade de Marcílio, a sua curiosidade cultural permanente traduzida em muita leitura de livros e jornais, a sua precoce participação consciente e ativa na vida política da comunidade, sempre num caminho ideológico de elevada dinamidade.

Em 1956, quando ainda era estudante secundarista, Marcílio Cesar Ramos Krieger em sua cidade natal, Brusque, militava na União Estudantil Brusquense-“UEB”, produzindo, redigindo e apresentando o Programa “A Voz Estudantil” na Rádio Araguaia AM2. Ele preparava os textos com extremo zelo e antecipadamente, datilografava-os numa velha Remington, assinava, datava e apresentava-os no programa. Não se limitava à simples leitura literal, avançava e improvisava acrescentando comentários e outras informações quanto ao tema principal da crônica. A interação com os ouvintes era feita através de respostas que, no ar, ele dava ou da menção que fazia às cartas que o programa recebia. Para exemplificar a variação temática abordada por Marcílio em “A Voz Estudantil”, há crônicas, em 1956, sobre a colonização da América do Sul, sobre o jubileu de prata da “instalação” da Imagem do Cristo Redentor no alto do Corcovado no Brasil e a importância da religiosidade para o povo brasileiro, sobre o comportamento dos

estudantes secundaristas frente aos direitos e deveres (em lato e em stricto sensu) escolares. A sua crônica de despedida do “quase finado 1956” (lida no programa de 29 de dezembro de 1956) foi, por sua vez, um desabafo quanto à desunião crescente da classe estudantil que ele pode testemunhar na sua militância em Brusque, Santa Catarina e, principalmente, na sua participação em Congresso Estudantil em Blumenau e em Congresso Estudantil Nacional ocorrido em Porto Alegre. Já o texto de saudação a 1957 (colocado no ar em 05 de janeiro de 1957) é uma ode à Paz Mundial, estruturado em forma de analogia entre os movimentos belicosos das forças internacionais em conflito na denominada “guerra fria” e jogos de futebol entre as seleções dos Países líderes no antagonismo (EUA e URSS) e entre seleções de Países aliados destas lideranças.

Emfim, e retornando à vida universitária e pós-universitária de Marcílio, registro que a militância cada vez mais aguerrida que ele desenvolveu, especialmente nos anos de 1964 a 1969, levou-o ao exílio que durou até 1979, quando sob o amparo da Lei de Anistia retornou ao Brasil. De volta à sua Pátria e à capital de seu Estado natal, trabalhou na Televisão Barriga Verde. Lá teve o privilégio de ser entrevistado por Marcílio em alguns programas sob temas políticos e eleitorais. A partir de 1980 ele retornou à Advocacia Trabalhista (na qual já atuara em 1964 e 1965) e, logo em seguida, também no então ainda novo e muito interessante campo do Direito Desportivo.

É sobre este segundo grande momento da dinâmica plena de Marcílio Krieger que me debruço agora. Ele foi Defensor Dativo de atletas junto ao Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Catarinense de Futebol e outros Tribunais desportivos. Ocupou a função de Procurador do TJD/FCF por significativo tempo. A sua reconhecida

notabilidade no Direito Desportivo o levou a proferir inúmeras Palestras, ministrar Cursos e Seminários sobre o tema em pelo menos dez Estados da Federação Brasileira, promovidos pelas mais diversas entidades direta ou indiretamente ligadas ao desporto amador e profissional. Assessorou entidades desportivas e órgãos da imprensa escrita, falada e televisada. Concedeu inúmeras entrevistas sobre o direito desportivo, dentre as quais destaco uma a Heródoto Barbeiro da CBN, em 15 de janeiro de 2010 sobre tumultos em estádios e torcidas organizadas. De outra parte, Marcílio foi um dos mentores do “Congresso Nacional sobre Direito Desportivo” realizado em convênio com o Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina, no qual tive a honra de proferir palestra sobre “Ética e Desporto”. Mais ainda: Marcílio escreveu importantes obras sobre Direito Desportivo. Dentre elas destaco: “Código Brasileiro Disciplinar do Futebol anotado e Legislação complementar”, pela Editora Terceiro Milênio em 1996; “Comentários ao Código Brasileiro Disciplinar do Futebol” em 1997 pela Editora Forense; e “Lei Pelé e Legislação Desportiva Brasileira anotadas” em 1999 pelas Editoras Forense e Gryphus. Foi homenageado recentemente com um livro em tributo à sua memória, contendo ensaios sobre Direito Desportivo de diversos especialistas na matéria. Estes dois momentos históricos especiais da plenitude de vida de Marcílio Krieger que ressaltei aqui são, na realidade, frutos de duas de um grande elenco de significativas facetas da sua fascinante personalidade.

Perpétua, Bia, Antonio e Olga Maria têm, sem limites, motivos para sentir legítimo orgulho de seu esposo e pai!

Cesar Luiz Pasold
Advogado, professor universitário e escritor

A decadência do homem público

Por quais motivos o homem público entrou em decadência? Por que os espaços públicos estão acabando? Na verdade, o papel do homem público na sociedade está entrando em decadência por motivos individuais e não coletivos. Isto é, aquele homem que buscava representar a causa pública entrou em extinção. Não cabe aqui generalizarmos. Exemplo na prática? Tomamos como exemplo o intelectual militante francês Jean-Paul Sartre, que buscava através dos seus escritos o grau de prática daquilo que poderia aplicar na sociedade. O filósofo francês acreditava que a imagem do homem público está diretamente relacionada à figura do sujeito intelectual militante. Em suma: não basta apenas ensinar através do saber técnico como faz a bomba atômica, mas saber os efeitos nocivos e suas demais consequências à humanidade. Isso seria tarefa primordial do intelectual público. Esse seria o verdadeiro sujeito consciente e atuante em uma sociedade que busca melhorias conscientes e inteligentes.

É comum notarmos tal desaparecimento, já que tais homens não estão tão interessados em abraçar a causa pública. A meu ver, falta motivação e crença para verificar que os resultados somente virão em longo prazo. O problema também é que muitos políticos colocam o “nariz” em

assuntos que não são de sua conta. É a famosa frase dos norte-americanos: “It is not my business...” Traduzindo: os filhos do “Tio Sam” utilizam tal expressão para não transgredir as fronteiras daquilo que não lhe pertence ou que ultrapassa sua comarca. Certa vez, comicamente, consegui observar a atitude interessada de um determinado “homem público”, que se dizia engenheiro da prefeitura de Florianópolis dizendo a arrogante frase: “Eu irei asfaltar todas as ruas que estão em volta do Terminal da Trindade”. O povo ficou cristalizado com aquele episódio. Qual o verdadeiro problema desse fato curioso? Foi descoberto depois por alguns interessados que ele era apenas um “simples advogado”, que estava ali pleiteando alguns votos e considerações do povo.

Voltando a nossa discussão teórica, foi durante o fim do século XIX, com o surgimento de grupos intelectuais, que de fato a comunicação escrita ou oral como fator revolucionário e transformador na sociedade foram determinantes para causar alguns engajamentos. Refiro-me aqui ao caso Dreyfus. O que de fato aconteceu? O fato centrava-se na condenação por traição do oficial do exército francês Alfred Dreyfus em 1894. Supostamente, Dreyfus teria revelado valiosos segredos militares ao exército de nações rivais. Desse modo,

o acusado sofreu um processo fraudulento conduzido as portas fechadas. Dreyfus era, em verdade, inocente: a condenação baseava-se em documentos falsos. Quando os oficiais de alta-patente franceses se aperceberam disto, tentaram ocultar o erro judicial. Além, disso o escritor Francês Émile Zolá, entrou por uma justa causa em defesa do oficial, utilizando seus escritos para defender o militar em um jornal de época. O fato causou muita polêmica na época, já que um escritor comprou a briga na justiça em defesa de Dreyfus.

Dicas de leitura sobre o tema aqui discutido? O clássico Declínio do Homem Público é considerado como uma das obras históricas mais relevantes de Richard Sennett. O historiador e crítico Sennett possui um objetivo muito consistente antes de começar sua obra e levantar seus argumentos: assinalar contra a personalização da política, a intimidade enquanto razão da vida e o retraimento de uma cultura cosmopolita em comunidades bairristas. O autor critica e propõem alternativas a muitas das relações sociais humanas adotadas em nosso século. Hoje fico por aqui. Até a próxima coluna!

Cristiano Mello de Oliveira
Mestrando em Literatura - UFSC



Um avanço nos estudos sobre tuberculose

Pesquisa busca alternativa para tratar doença de forma mais rápida e menos tóxica do que os antibióticos convencionais

Foto: Divulgação



Inibidores pesquisados no laboratório são uma alternativa aos antibióticos

Cláudia Mebs
Bolsista de Jornalismo na Agecom

A tuberculose é a doença infecciosa que mais mata no mundo. O Relatório para o Dia Mundial da Tuberculose, divulgado em 2010, alerta que 9,4 milhões de pessoas tinham a doença em 2008. No Brasil, 73 mil casos foram notificados no mesmo ano. Os medicamentos usados no combate à tuberculose podem ser adquiridos de forma gratuita no país, porém os cerca de seis meses de cuidados, além dos efeitos colaterais causados pela medicação, faz com que muitas pessoas interrompam o tratamento. Uma pesquisa realizada na UFSC desde 2007 estuda uma nova maneira de tratar a tuberculose e pode inclusive reduzir o quadro de desistência durante esse processo.

Os estudos se concentram em uma das enzimas que a *Mycobacterium tuberculosis* libera dentro da célula humana, chamada de PtpA. Sem a liberação dessa enzima, a bactéria que causa a doença não consegue se desenvolver no corpo humano e acaba morrendo. Enquanto a maioria das pesquisas estuda novos antibióticos para matar a bactéria, o grupo da UFSC preocupou-se em encontrar e estudar compostos químicos que atuam como inibidores da enzima PtpA.

“Os antibióticos usados atualmente no combate à doença são tóxicos e o tratamento com eles muito longo. Vimos nos inibidores um potencial tratamento para a tuberculose”, explica o professor do Departamento de Bioquímica da UFSC e coordenador do Centro de Biologia Molecular Estrutural (Cebime), Hernán Terenzi. O trabalho é desenvolvido com participação dos professores Rosendo Yunes e Ricardo Nunes (Departamento de Química da UFSC), Javier Vernal (Cebime), pós-doutorandos, alunos de doutorado, mestrado e iniciação científica. Foram testados mais de 200 potenciais inibidores.

Realizados a partir da técnica de ensaio *in vitro*, os testes indicam que cinco deles reagiram muito bem quan-

do em contato com a enzima liberada por *Mycobacterium tuberculosis*. Em 2008, os resultados sobre os inibidores mais apropriados foram divulgados na revista científica *Bioorganic & Medicinal Chemistry Letters*. Mas o melhor ainda estava por vir.

Em 2009, a equipe composta por profissionais das áreas de Bioquímica e Química da UFSC entrou em contato com o pesquisador Yossef Av-Gay, do Canadá. Conhecido internacionalmente por suas pesquisas sobre o bacilo que causa a tuberculose, Av-Gay havia descoberto onde e como a enzima PtpA atua nos macrófagos, um tipo de célula que defende o corpo humano de organismos estranhos.

O contato entre os pesquisadores foi promissor. Era a primeira vez que foram estudados inibidores para a PtpA e o pesquisador canadense se interessou pela parceria. Yossef Av-Gay cultivava em laboratório os macrófagos e testou a reação deles com os inibidores indicados pelos brasileiros. A cooperação foi uma alternativa às condições de testes no Brasil.

A segunda etapa de experimentos rendeu outro artigo, publicado em abril de 2010 na revista *Bioorganic & Medicinal Chemistry*. Os estudos focaram a produção de um modelo para a estrutura da enzima em contato com os inibidores, a fim de entender como o inibidor reage quimicamente com essa proteína liberada pela bactéria. O artigo também aborda o tempo de reação desses compostos químicos. O inibidor mais eficiente no combate ao bacilo matou, em três dias, quase a totalidade das bactérias nos macrófagos humanos.

Agora, o grupo está analisando detalhadamente a ligação entre inibidor e enzima para estudar mais a fundo suas interações. No artigo a equipe destaca os resultados positivos, que podem beneficiar, no futuro, o mundo inteiro: “Esses inibidores são facilmente obtidos, a baixo custo, têm estrutura simples e podem representar um potencial terapêutico no combate a tuberculose”, comemora o professor Terenzi.

A química do câncer

Parceria entre UFSC, USP e UFMG produz conhecimento sobre o funcionamento molecular da doença e traz esperanças para liberação controlada de drogas

Arley Reis
Jornalista na Agecom

O câncer é uma doença que altera o equilíbrio das células normais. A trajetória esperada para estas pequenas estruturas que formam os seres vivos é a divisão, crescimento, multiplicação e morte. Mas, por algum motivo, o câncer muitas vezes

promove a divisão celular sem controle.

A quimioterapia procura atacar essa multiplicação descontrolada das células tumorais. Porém, atinge também outras células, provocando sintomas como queda de cabelo, vômitos, diarreia e enfraquecimento do sistema imunológico, nossa defesa contra as doenças.

Um dos desafios da ciência atual é investigar drogas “inteligentes”, que ataquem

com eficiência não apenas as consequências, mas as causas do câncer, sem provocar tantos efeitos colaterais. A Universidade Federal de Santa Catarina participa desse esforço. Entre os exemplos estão pesquisas desenvolvidas em colaboração com a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Na UFSC atuam professores, estu-

dantes de pós-graduação e de graduação do Departamento de Química (ligado ao Centro de Ciências Físicas e Matemáticas) e do Departamento de Bioquímica (ligado ao Centro de Ciências Biológicas). A meta é aprofundar o conhecimento sobre os mecanismos moleculares envolvidos com o câncer, aproveitando o potencial da engenharia genética e da nanobiotecnologia.

conter a multiplicação descontrolada das células “doentes”.

As equipes investem também na síntese de nucleases artificiais. Elas são enzimas que degradam o DNA e podem colaborar com o desenvolvimento futuro de drogas para combater o câncer (entre outras doenças, já que são pesquisas de base e podem gerar benefícios em aspectos não previstos pelos pesquisadores).

O grupo tem pesquisas neste campo há vários anos e resultados importantes já foram alcançados. São estudos que se destacam em processos de síntese e caracterização de novos complexos químicos e para algumas nucleases artificiais os mecanismos das reações foram completamente esclarecidos. Em 2007, por exemplo, o professor Ademir Neves publicou o primeiro exemplo de um modelo sintético para hidrolase (um tipo especial de enzima), conhecimento importante para compreensão da osteoporose e do câncer nos ossos.

As equipes investem também no estudo de nanopartículas metálicas de alta qualidade, que tenham tamanho e dispersão controlados. A ideia é que estas partículas possam ser usadas como “sondas” na determinação da estrutura do DNA e como drogas quimioterápicas.

Além de já ter capacidade de obter e caracterizar estas partículas, o grupo realiza testes de atividade anti-tumoral *in vitro*, em células de tumor de pulmão de origem humana. Há ainda estudos para avaliar a toxicidade dos novos compostos, realizados no Laboratório de Medicamentos a Base de Metais, do Departamento de Química da UFMG.

“Esperamos que as pesquisas tragam contribuições para obtenção de outros biomateriais e tratamento de diversas doenças.”, destaca o professor Ademir Neves, coordenador geral do projeto que já colabora com a formação de profissionais de alto nível.

Semeando a agricultura das famílias

Livro divulga trabalho com kit de sementes crioulas adotado por produtores rurais de Santa Catarina

Arley Reis
Jornalista na Agecom

Diagnóstico realizado em 2005 a partir do projeto Microbacias 2 revelou dados sobre a agricultura familiar em Santa Catarina que preocuparam: 75% dos agricultores haviam deixado de cultivar arroz e 50% não plantavam mais feijão para consumo. Na mesma época, durante um curso de agroecologia oferecido pelo Núcleo e Estudos em Agrobiodiversidade da UFSC, as famílias ouviram o relato de um caso do Nepal (Ásia) em que comunidades e técnicos desenvolviam um trabalho de resgate de sementes e conhecimentos locais para consumo dos agricultores, chamado de Kit Diversidade. Inspirado nessa experiência, nasceu o Kit Diversidade de Guaraciaba, município localizado no extremo oeste em SC.

A experiência é compartilhada em um livro lançado em 2010 sobre a experiência de produção e distribuição de sementes crioulas de feijão, arroz e milho entre famílias de agricultores de Santa Catarina. *Kit Diversidade – Estratégias para Segurança*

O Kit

O Kit é uma caixa com pacotes de sementes. A composição foi definida com as famílias, de acordo com suas preferências e a disponibilidade das plantas. As sementes são produzidas por agricultores que ainda possuem variedades locais e conhecimento sobre seu cultivo.

A seleção leva em conta aspectos como importância alimentar e vontade das famílias em trabalhar com determinada espécie ou variedade. Em alguns casos pesaram características positivas da planta, como produtividade, resistência, simplicidade de cultivo e armazenamento, adaptação às condições locais e aos métodos simples de seleção, além da possibilidade de cultivar sem venenos.

Resultados

O livro mostra que a partir da implantação do kit diversidade o percentual de agricultores que recorria ao mercado para obtenção de arroz baixou de 75% para 42%. Para o feijão a redução foi de 50% para 23%. A avaliação demonstra também que o impacto dessa mudança representa, no mínimo, 30% da renda bruta da maioria dos produtores.

“Muitas famílias voltaram a cultivar alimentos que tinham deixado de lado há mais de 20 anos. O kit também resgatou hábitos alimentares saudáveis que haviam sido perdidos, como o consumo da fava e da ervilha”, lembram os organizadores da publicação.

“A busca da superação da falsa dicotomia estabelecida entre o moderno e o tradicional e entre o conhecimento informal dos agricultores e o conhecimento formal acadêmico também pode ser verificada no projeto do Kit Diversidade”, destaca o professor Antonio Carlos Alves.

Alimentar e Valorização das Sementes Locais conta como nasceu a proposta, como a ideia foi viabilizada e que resultados foram alcançados. Traz também depoimentos de agricultores e uma discussão sobre a legislação relacionada a sementes crioulas no país.

“O livro se dirige aos agricultores em primeiro lugar, mostrando a importância de sua organização, pois esse trabalho só foi possível porque as famílias quiseram. Depois a políticos, como um documento que tem argumentos para formulação de políticas públicas”, explica o professor do Departamento de Fitotecnia do Centro de Ciências Agrárias da UFSC, integrante do Núcleo e Estudos em Agrobiodiversidade (NEABio), Antonio Carlos Alves. Ele divide a organização do livro com Adriano Canci (técnico facilitador do Programa Microbacias 2 da Epagri, também coordenador do Instituto de Agrobiodiversidade) e Clístenes Antônio Guadagnin (doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar da Universidade Federal de Pelotas, extensionista da Epagri de Guaraciaba).



Fotos: Divulgação

O Kit Diversidade diminuiu a dependência dos agricultores em relação ao mercado

Soberania alimentar

“Esse trabalho envolve agroecologia, autossuficiência na produção de alimentos pelos agricultores, segurança alimentar e o resgate da auto-estima dos trabalhadores rurais”, complementa o pesquisador. O projeto ainda proporciona oportunidades para discussões sobre a segurança e a soberania alimentar, a valorização da região e o desenvolvimento sustentável.

Segundo Alves, o cultivo de dife-

rentes espécies vegetais e cultivares manejadas pelos agricultores é essencial para a conservação e ampliação da agrobiodiversidade. Também favorece a preservação do equilíbrio natural entre os inimigos naturais e os agentes causadores de danos às culturas. A distribuição e troca de sementes entre as famílias estimula a manutenção e ampliação das relações sociais nas comunidades.

Mas, salientam os editores, os dados

levantados nas avaliações e os depoimentos das famílias agricultoras revelam também que a iniciativa deve ser associada a políticas para a agricultura familiar. “Conservar a agrobiodiversidade em posse dos agricultores familiares servindo a estes e ao povo urbano pela oferta de alimentos de qualidade é muito mais que lutar pelas sementes crioulas e, certamente, vai além da promissora experiência do Kit Diversidade”, alertam.



Muitas famílias voltaram a cultivar alimentos que tinham deixado de lado há mais de 20 anos

Enfim, Universidade para todos os brasileiros

Primeiro curso superior de licenciatura indígena para as etnias Guarani, Xokleng e Kaingang do Sul e Sudeste do Brasil modifica paisagem humana da UFSC

Raquel Wandelli
Jornalista na SeCArte

Na sociedade branca, a aprovação de um jovem no vestibular é, sobretudo, uma conquista individual. Mas para um indígena como Getúlio Tójfa, 31 anos, coordenador pedagógico da Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhré, da Terra Indígena Xapecó, em Ipuçu, cada jovem que chega à universidade carrega a vitória de toda uma etnia e a responsabilidade de ajudar seu povo a conquistar a autonomia através da educação. Os 120 calouros Guarani, Kaingang e Xokleng aprovados no Vestibular do Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, do Departamento de História da UFSC, vieram de suas aldeias de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Espírito Santo, onde grande parte leciona, atrás do sonho de cursar uma faculdade específica para a educação indígena. Os que vieram em casais deixaram os filhos com parentes nas aldeias e trouxeram

para a universidade os menores de colo e os que ainda amamentam, pois obter a formação é, para eles, uma missão social.

O primeiro dia do curso mostrou que os calouros indígenas – bem menos jovens do que os ingressos não-indígenas – estão dispostos a enfrentar todas as dificuldades para completar sua formação como professores e ajudar seus povos na luta por condições de sobrevivência e pela defesa da sua cultura. “Por meio da educação vamos superar o paternalismo dos órgãos indigenistas para poder acessar aos direitos de cidadania na cultura branca e defender a nossa cultura”, diz o professor de Xapecó, que abriga a maior população indígena do Estado. “Levando conhecimentos sobre nossa cultura às crianças vamos conquistar autonomia e fortalecer as nações indígenas”, enaltece Getúlio, ao discursar em nome dos Kaingang na cerimônia de recepção dos calouros e abertura do curso, realizada no auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.



Os 120 alunos vêm de aldeias de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Espírito Santo

“Levando conhecimentos sobre nossa cultura às crianças vamos conquistar autonomia e fortalecer as nações indígenas”

Getúlio Tójfa



Questão territorial como eixo condutor

A questão territorial é emergente para a educação indígena, porque está ligada ao direito de existência enquanto povo, como lembra a coordenadora do curso, Ana Lúcia Nötzold. “Quando se fala em acesso à cidadania, um dos direitos fundamentais é o de poder existir, que está ligado à questão da identidade e do território tão prementes hoje para esses povos”, enfatiza. Por isso, a formação de todos os alunos-professores será voltada para o eixo norteador Territórios Indígenas: Questão Fundiária e Ambiental no Bioma Mata Atlântica. Até o quinto período, quando os acadêmicos estarão separados por etnia, cursando disciplinas específicas, cumprirão a habilitação geral em Licenciatura da Infância e ênfase no ensino fundamental, comum a todos. Na sequência, poderão optar por uma das três demais terminalidades ou habilitações oferecidas, que são: Licenciatura das Linguagens, com ênfase em Línguas Indígenas; Licenciatura em Humanidades, com ênfase em Direitos Indígenas e Licenciatura

do Conhecimento Ambiental, com ênfase em Gestão Ambiental.

Na primeira etapa da primeira fase, eles terão as disciplinas de Laboratório de Língua e de Mitologia Indígena (voltadas às três etnias), além de História Indígena Pré e Pós-colonial, Língua Portuguesa e Tecnologias de Informação e Comunicação para Populações Indígenas. Nos dois primeiros dias, o professor de Tecnologias Orivaldo Nunes Júnior já criou com a turma Guarani um blog da graduação, com fotos, textos e a cobertura da mídia sobre o início das aulas e ensinou os alunos a criarem seus próprios blogs.

Os parceiros na UFSC incluem os departamentos de Antropologia (que está ministrando a disciplina Mitologia Indígena), de Metodologia de Ensino, de Direito, de Engenharia Sanitária e Ambiental, entre outros, além do Museu Universitário, ligado à Secretaria de Cultura e Arte, que atuará com professores e infraestrutura para atividades acadêmico-científico-culturais, explica Maria

Dorothea Darella, pesquisadora do Laboratório de Etnologia Indígena e integrante da Ciesi. Como parceiros externos, a Secretaria de Estado da Educação firmou um termo de cooperação para dar apoio pedagógico aos alunos que são também professores da educação indígena da rede pública estadual e flexibilizar o seu horário nas aldeias. A Funai financia o deslocamento dos índios das terras indígenas para Florianópolis. O Prolind financia, entre outros custos, deslocamento, hospedagem e alimentação para docentes especialistas nas temáticas.

Representantes das etnias participaram dos processos decisórios. Entidades como a Comissão de Apoio aos Povos Indígenas (CAPI), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e o Conselho de Missão entre Índios (Comin) participaram, enquanto integrantes da Ciesi, da concepção do curso e definição da grade curricular de modo a preservar as especificidades e interesses de cada nação indígena.



Até a 5ª fase há a separação por etnia; depois os alunos deverão optar entre as Licenciaturas da Linguagem, em Humanidades ou do Conhecimento Ambiental

Teoria na Universidade, prática nas aldeias

A presença de lideranças das três etnias, dos representantes da rede de departamentos que integram o curso e das diversas entidades ligadas à promoção do índio lotando e multicolorindo o auditório fez dessa conquista pedagógica um momento de comemoração, mas também um ato político na defesa de uma educação superior não só inclusiva, mas diferenciada. Afinal, trata-se da primeira graduação específica em licenciatura indígena em universidade pública federal e direcionada para as três etnias dos territórios do Sul e Sudeste do País. Sobre a importância do curso inédito, o reitor Álvaro Prata pontuou na cerimônia: “A UFSC dá um importante passo para assumir sua condição de universidade dessa grande nação brasileira, que não é somente dos brancos, mas, sobretudo, dos nativos”. O reitor acredita que a convivência com povos indígenas vai enriquecer muito a universidade.

Com duração de quatro anos, o curso superior contempla alunos de Santa Catarina e de outros estados do sul e sudeste que não dispõem desse tipo de formação. Segue o método da pedagogia da alternância, que prevê o aprendizado teórico na universidade e períodos de aplicação prática nas escolas das aldeias. Segundo a coordenadora do curso Ana Lúcia Vulfe Nötzold, professora do Departamento de História, os alunos-professores permanecerão duas semanas hospedados em um hotel em Florianópolis e retornam aos seus territórios para reiniciar as aulas em maio. O tempo de estudo na comunidade prevê pesquisas orientadas, estágios, projetos de intervenção comunitária nas escolas das aldeias. Fruto da luta de pelo menos uma década das comunidades indígenas, professores e pesquisadores da área, a graduação foi concebida pela Comissão Interinstitucional de Educação Superior Indígena (Ciesi), criada em março de 2007. Em 2009, o projeto foi aprovado pelo Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas (Prolind/Secad), do Ministério da Educação e em 2010 pelo Conselho Universitário da UFSC.

Berenice e o pequeno Marlon; a convivência com os povos indígenas deve enriquecer a Universidade



Fotos: Cláudia Schaub Reis

UFSC ganha novas cores

Diferentes, discretos e afetuosos, os indígenas povoaram as salas ainda vazias da universidade instalando certo ar de aldeia no Centro de Filosofia e Ciências Humanas. A chegada dos 120 alunos aprovados no Vestibular, 40 de cada etnia, mudou o ambiente da UFSC três semanas antes do reinício das aulas dos demais alunos, que só vão conhecer na segunda etapa dessa fase do Curso Licenciatura Indígena, em maio.

A maioria já atua em escolas de aldeias, mas há jovens recém-egressos do Curso de Ensino Médio bilíngüe e também índios formados em faculdades não específicas, de português e história, principalmente. É o caso de Keli, 31 anos, graduada em Letras-Português pela Uniasselvi, que veio com o marido Copacãm e trouxe dois dos quatro filhos, um de quatro e outro de dois anos. Com dificuldades de se concentrar na aula e dar atenção ao menor, ela é obrigada a sair várias vezes da sala para distrair o pequeno. Apreensivo, o casal pretende conseguir alguém para levar as crianças

de volta à Terra Indígena Laklãnõ, em José Boiteux, mas afirmam que não vão desistir: “A gente precisa desse conhecimento na nossa língua para ajudar a fortalecer nossa cultura nas aldeias”, diz Keli.

Com um colar de sementes sobre a blusa vermelha, a índia Eunice Antunes, 28 anos, professora da Escola Indígena de Ensino Fundamental Itaty, na Terra Indígena Morro dos Cavalos, em Palhoça, discursou em nome do povo Guarani fazendo uma confissão: “Depois de tanto tempo de luta, ainda não acredito que estamos na universidade: parece que estou sonhando acordada!” Acompanhada do marido Marcos Moreira (ou Kará, em Guarani), também calouro, com quem se casou aos 15 anos, lembra que todas as entidades e professores deram o máximo de si para que pudessem chegar à universidade. “Estar aqui não é um privilégio, mas uma conquista coletiva”, acentua ela, que deixou os três filhos aos cuidados da mãe.

A partir da abertura da nova graduação, os caciques também vieram para a sala de

aula. É o caso de Simeão Priprá, que deixou o magistério em 2003 para se tornar cacique da aldeia Bugio, na Terra Indígena Laklãnõ. Ele acredita que o intercâmbio com a cultura e a tecnologia branca permitirá a documentação da memória cultural Xokleng e o registro escrito da sua língua. Sobre o porquê de a língua e a cultura desse povo, reduzido em todo Brasil a duas terras indígenas em Santa Catarina, com cerca de dois mil indígenas, estão sempre ameaçadas de extinção. Ao contrário dos Guarani, que têm uma intensa prática oral da língua, as duas outras etnias só conseguiram conservar fragmentos, explica Helena Dalpini Rosa, do Núcleo de Educação Indígena da Secretaria de Estado da Educação.

Enquanto amamenta o pequeno Marlon (Nidili, em Xokleng), de sete meses, Berenice, 26 anos, olha para o horizonte como quem tem confiança no futuro e explica que a faculdade vai complementar seus conhecimentos para que possa exercer melhor sua missão com os alunos de sua aldeia em Laklãnõ.

Game educativo incentiva **cooperação** entre crianças

Jogo será testado a partir de abril por alunos do Colégio de Aplicação da UFSC

Heloísa Dallanhol
Especial para o *JU*

Ainda neste ano será disponibilizado para download gratuito o primeiro game brasileiro para ser jogado com dois mouses conectados ao computador. Além de divertir, ele pode facilitar o aprendizado sobre a Mata Atlântica em Santa Catarina por vir acompanhado de material de apoio ao professor, para uso em sala de aula a partir do quarto ano do ensino fundamental.

O jogo está sendo desenvolvido no Laboratório de Educação Cerebral da UFSC. Ele foi financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Fapesec), após seu projeto ter sido selecionado por meio de uma chamada pública voltada a estimular a inovação para valorizar a biodiversidade.

Chamado *Mata Atlântica, o bioma onde eu moro*, o game educativo será testado por alunos do Colégio de Aplicação da UFSC a partir de abril. Em 2010, sua versão demo foi submetida a 45 crianças e todas adoraram a possibilidade de jogar em dupla, conforme artigo que os pesquisadores

publicaram na revista *SBGames*.

Segundo a publicação, boa parte das crianças começou a jogar agindo de forma competitiva, querendo superar o seu colega em velocidade. Depois, elas perceberam que a vitória só seria conquistada se houvesse trabalho em equipe. Então, começaram a dialogar durante o jogo e logo a dupla comportava-se de forma colaborativa.

Entre seus autores está o professor Emílio Takase, pesquisador e neurocientista da UFSC que desenvolve inovações neurotecnológicas. "Todos os meus projetos têm a ver com neurociência e cognição, como este e outros jogos cognitivos que exigem mais a atenção e a memória de trabalho na realização das atividades durante o jogo", diz Takase. No caso do jogo sobre a Mata Atlântica, o foco é estimular a colaboração e o trabalho em equipe. Isso porque os jogadores não competem entre si, mas precisam realizar uma meta comum (como identificar animais que vivem em cada um dos ecossistemas do bioma Mata Atlântica). Um jogador não consegue avançar para a etapa seguinte sem que seu companheiro tenha terminado as tarefas da etapa anterior.



Colaboração é a palavra-chave

Avatar

O jogo começa com uma animação que culmina no mapa político de Santa Catarina. Logo, a equipe enfrenta seu primeiro desafio: conhecer a localização dos ecossistemas do Bioma Mata Atlântica, montando uma espécie de quebra-cabeça. Em seguida, este mesmo mapa se transforma em menu de navegação para dar acesso às seis etapas seguintes do jogo. Acompanhada por um avatar – cuja função é servir de referência nas atividades que as crianças estarão realizando –, a equipe deve explorar cada um dos seis ecossistemas e conhecer a fauna característica de cada um. Caso o tempo da aula tenha terminado antes do fim do jogo, é possível obter uma senha e retornar outro dia ou em outro computador ao mesmo ponto do jogo.

A bióloga e autora de materiais paradidáticos Cristina Santos vem realizando o levantamento de informações e coordenando a produção de conteúdo para o game. Ela ajudou a recriar no game as paisagens da Mata Atlântica – desde bromélias até árvores de grande porte –, a selecionar as 36 espécies animais que aparecem no game e a escolher como avatar a versão em estilo cartoon de um pássaro ameaçado de extinção devido ao tráfico de animais silvestres: o papagaio de peito roxo.

Edutenimento

O game *Mata Atlântica, o bioma onde eu moro* vai introduzir a tecnologia multi-mouse nas escolas do Brasil. Em alguns estabelecimentos de ensino, os laboratórios de informática só dispõem de um computador por aluno e as crianças têm de trabalhar formando dupla ou trio, alternadamente. A decisão dos pesquisadores da UFSC de fazer um game para ser jogado com dois mouses foi tomada não apenas como solução paliativa para a falta de infraestrutura das escolas, mas como estratégia educacional.

O jogo é uma forma de "edutenimento" por ensinar mediante situações lúdicas e prazerosas, sem banalizar o processo de aprendizagem. "O resultado é um game divertido, constituído de conteúdo educativo", afirmou Ana Beatriz Bahia, responsável pelo design do game e integrante do estúdio de criação

digital Casthalia.

Takase está transformando jogos tradicionais como o quebra-cabeça, individuais como o Sudoku e os de tabuleiro em jogos eletrônicos cooperativos.

Até o momento, não existem games deste tipo que tratem da Mata Atlântica: "O jogo que estamos desenvolvendo preencherá esta lacuna, tendo como público alvo os estudantes das escolas públicas de Santa Catarina – já que aborda a biodiversidade da Mata Atlântica neste estado. Ele será oferecido aos professores do Ensino Fundamental como material paradidático, permitindo ampliar e aprofundar os conteúdos previstos no currículo".

Mais informações: www.educacaocerebral.com.

O barquinho

Alunos do curso de Engenharia de Mobilidade da UFSC desenvolveram um pequeno catamarã movido a energia solar. O barco foi idealizado para participar do "Desafio Solar Brasil", competição em quatro etapas, a primeira delas realizada em Florianópolis. O evento dura uma semana e nele são feitas atividades relacionadas ao uso da energia limpa.

Montar a "engenhoca" até que foi fácil, o difícil foi levantar os recursos. Os painéis solares e os cascos foram fornecidos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para conseguir o resto dos equipamentos, os estudantes tiveram de correr atrás. "Conseguimos parceiros que nos forneceram ferramentas e peças para montar", diz João Guilherme Simas, "coordenador administrativo" do grupo. (Fonte: *Jornal A Notícia*).

UFSC na ABA

A nova diretoria eleita da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) – biênio 2011-2012 – tomou posse em fevereiro, em cerimônia realizada na UnB. Carmen Rial, professora do Departamento de Antropologia da UFSC, assumiu o cargo de diretora pela segunda vez, já que esteve também presente na gestão de 2002-2004.

A sede da ABA esteve na UFSC na gestão 2004-2006, quando era presidente a professora Miriam Pillar Grossi. A ABA é uma das mais importantes associações científicas brasileiras, tendo um número de sócios superior a dois mil antropólogos.

Decreto regulamenta a atuação das fundações de apoio

Novo ordenamento jurídico facilita a relação com as instituições federais de Ensino Superior

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

As fundações de apoio às universidades entraram em 2011 com um novo ordenamento jurídico. Foi publicado no Diário Oficial da União de 31 de dezembro passado o Decreto 7.423, que trata das relações entre as instituições federais de Ensino Superior (Ifes) e de pesquisa científica e tecnológica e as fundações de apoio à pesquisa, ensino e extensão.

O documento avança na comparação com o decreto anterior (5.205/2004), dispoendo sobre o registro e credenciamento da instituição como fundação de apoio, o relacionamento com a universidade apoiada, a concessão de bolsas, os convênios e o acompanhamento e controle da execução dos contratos.

Pelo decreto, a fundação registrada e credenciada como tal tem o papel de dar suporte a projetos de pesquisa, ensino e extensão e de desenvolvimento institucional, científico e tecnológico de interesse das instituições apoiadas. Com o desenvolvimento da inovação e da pesquisa, haverá melhores condições para que as universidades, por exemplo, estabeleçam relações com o ambiente externo.

Por desenvolvimento institucional são entendidos os programas, projetos, atividades e operações especiais, incluindo as de caráter infraestrutural, material e laboratorial, que levem à melhoria das condições das instituições federais de Ensino Superior e demais ICTs. Neste campo, as fundações de

apoio devem limitar sua atuação às obras laboratoriais, aquisição de materiais e equipamentos e outros insumos especificamente relacionados às atividades de inovação e pesquisa.

Encarte – Na edição de 16 de dezembro de 2010, o jornal *Notícias do Dia* publicou um caderno de 12 páginas falando das fundações de apoio à UFSC. Foram mostrados os projetos, ações e avanços permitidos pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária (Fapeu), Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (Feesc), Fundação de Estudos e Pesquisas Sócio-Econômicas (Fepese) e Fundação José Arthur Boiteux (Funjab). No encarte, fica claro que a Universidade estabeleceu uma parceria pró-ativa e salutar com essas fundações, que viabilizam uma série de ações e projetos que a instituição, sozinha, não teria como executar. Diz o editorial do caderno: "Criadas em diferentes épocas, essas entidades sem fins lucrativos ajudam a universidade, presa a trâmites e procedimentos burocráticos comuns a todos os órgãos públicos, a desenvolver projetos de ensino, pesquisa, extensão e desenvolvimento institucional de grande alcance econômico e social".

Notícias do Dia publicou encarte especial mostrando o papel das fundações na UFSC



Fotos: Reprodução

Uma nação subjugada na própria terra

Ler o livro *Estrangeiros na própria terra – Presença Guarani e estados nacionais*, de Clovis Antonio Brighenti, é entender um pouco mais sobre a trajetória de um povo que já ocupou um amplo território na parte meridional da América do Sul e hoje, disperso e mutilado em sua identidade, não encontra espaços para viver a tradição ancestral. Mesmo sendo ainda hoje um dos maiores povos do cone sul do continente, os Guarani tiveram de se subjuagar, ao longo dos últimos cinco séculos, aos interesses geopolíticos dos impérios português e espanhol e, depois, às divisões territoriais promovidas pelos governos do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

A obra, publicada pela Argos (editora da UnoChapecó) e Editora da UFSC, concentra sua abordagem na área compreendida pelo Estado de Santa Catarina e pela província argentina de Misiones. O estudo de Brighenti mergulha na identidade deste povo para compreender como resistiu às investidas dos Estados Nacionais, cujas políticas sempre negaram a sua presença como conjunto humano marcado por especificidades culturais e modos de vida próprios, mesmo vivendo em aldeias distintas e distantes entre si.

Diz o autor, na introdução: "Buscamos compreender como a hegemonia do Estado, ao propor um modelo único de sociedade, pautada na perspectiva de 'nação', buscou incorporar o indígena através da força, eliminando-o sempre que apresentava resistência". A pesquisa retrocede ao período da invasão europeia, analisa o processo de dispersão do povo



Guarani, estuda sua cultura e organização social, a sua adaptação ao sistema colonial e a demarcação de suas terras, que resulta no que se tornou o título do livro – estrangeiros na própria terra.

Clovis Antonio Brighenti é formado em História pela Unoesc campus Chapecó (atual UnoChapecó), mestre em integração latino-americana pela Universidade de São Paulo (USP) e atualmente é doutorando em História pela UFSC. É membro do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), atua desde 1988 com populações indígenas e, por conta desse convívio, conhece profundamente a realidade desses povos, em diversas partes da América do Sul.

A geografia ideal nas escolas

O livro *Da Geografia que se ensina à gênese da Geografia moderna*, de Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira, cuja quarta edição revista saiu pela Editora da UFSC, analisa a formação do ideário geográfico na escola e a distância entre essa prática e os conceitos que definem a geografia atual. Mais do que a eventual acomodação do corpo docente ou o seu desinteresse em questionar o discurso vigente, o que predomina, segundo a autora, são dogmas que acompanham a maioria dos professores e que interferem na sua rotina de trabalho e ensino.



"Os livros didáticos e os programas desta disciplina são pródigos em exemplos de uma situação em que a natureza e sociedade são trabalhadas como duas instâncias isoladas, em que o homem é apenas mais um dado do espaço natural", escreve ela na introdução. Não se considera a construção do espaço geográfico como resultante da ação social do homem sobre a natureza.

Em seu trabalho, Raquel do Amaral Pereira – ex-professora da UFSC e atual docente na maioria das disciplinas da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) – analisa o papel histórico da Geografia na Alemanha, onde adquiriu status científico, a evolução do conhecimento geográfico, as diferentes cosmologias da cultura ocidental e os pressupostos para o aparecimento da geografia moderna.

Na apresentação, o professor Milton Santos, da USP (já falecido), destaca no livro "um esforço bem sucedido para fazer encontrar dois discursos nem sempre coincidentes, o das preocupações didáticas e o da explicitação dos conteúdos em uma disciplina cuja própria definição é objeto de um árduo debate". Mais adiante, o grande geógrafo afirma que "nenhuma disciplina cola tanto às tendências filosóficas de cada época do que a geografia, pois ela surpreende, na própria materialidade construída pelo homem, o peso das relações e das ideias características de cada momento histórico, desse modo ajudando a entender a arquitetura do mundo".

Informação e barulho contra a humilhação

Depois de anos realizando pesquisa de campo sobre o trote, o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) lança, neste semestre, a *Cartilha de prevenção às violências sexistas, homofóbicas e racistas nos trotes universitários*.

A publicação conta com a colaboração de alunos bolsistas do Ensino Médio, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) do CNPq, e tem como principal função alertar os estudantes sobre a realização de trotes violentos, preconceituosos e discriminatórios. "Geralmente as palavras de ordem envolvem piadas contra o homossexualismo, tratando as diferenças de forma negativa. Entendemos que uma universidade – principalmente pública – deve incitar a cidadania, ressaltando o respeito à diversidade", justifica a professora Miriam Pilar Grossi, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

(PPGAS) e do NIGS.

Além de conceitos sobre sexismo, racismo e homofobia e contatos úteis àqueles que se sentem violentados ou constrangidos, a Cartilha vem acompanhada de um instrumento de alerta e de protesto: um apito. Utilizado pelos movimentos feministas para acusar situações de violência e pedir ajuda, o objeto pretende resgatar essa prática denunciando as atividades humilhantes ocorridas durante os trotes.

A primeira edição da Cartilha tem 10 mil exemplares, foi confeccionada pela Imprensa Universitária e contou também com o apoio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e da Reitoria. Está sendo distribuída aos calouros e pode ser encontrada no portal da Agência de Comunicação (Agecom) da UFSC: www.agecom.ufsc.br.

Informações com a professora Miriam Grossi: 3721-9714, ramal 5 ou miriamgrossi@gmail.com.



Listão reúne vestibulandos e familiares no campus

UFSC tem 5.758 novos alunos. Recepção aos calouros acontecerá com o início do semestre letivo

Paulo Clovis Schmitz
Jornalista na Agecom

O candidato Felipe Ferraz Magnabosco, que fez o ensino médio na Sociedade de Educacional Posiville, em Joinville, e passou para Medicina, foi o primeiro colocado no Vestibular UFSC/2011. A lista completa dos 5.758 classificados foi divulgada na internet e afixada nas paredes do Ginásio 3 do Centro de Desportos (CDS), no campus da Trindade, em Florianópolis, no dia 20 de janeiro. As matrículas aconteceram nos dias 14 e 15 de fevereiro.

Completam a lista dos 10 primeiros colocados os candidatos Gustavo Lisbõa Empinotti (Engenharia Mecânica, Florianópolis), Mário Zunino Júnior (Direito diurno, Florianópolis), Vanessa Virissimo Maciel (Medicina, Florianópolis), Jonathan Lopes Florêncio (Medicina, Joinville), Roberta Guerreiro (Medicina, Florianópolis), Helen Cecília Klein dos Santos (Medicina, Curitiba), Anderson Henrique da Silva Stahe (Medicina, São José), Kamilla Schmitz Nunes (Medicina, Florianópolis) e Conrado Prioli Duarte (Direito noturno, Florianópolis).

Antes da abertura dos portões, mais de uma centena de pessoas – candidatos, pais, professores de cursinhos – esperava o resultado em frente ao ginásio de esportes. Quando o acesso foi permitido, nem todos haviam entrado quando se ouviram os primeiros

gritos de alunos aprovados, que se abraçavam uns aos outros. Dali para frente, foi uma mistura de choro, gente correndo, pessoas falando com familiares pelo celular e, também, candidatos frustrados com a não aprovação, saindo calados do ginásio.

Uma das classificadas mais festejadas era Marcela Freitas Medeiros, 18 anos, aprovada em Química, que recebeu da família e de um grupo de amigas um verdadeiro banho de ovos e farinha de trigo, a ponto de seu celular ficar lambuzado e sem condições de uso. Ela já tinha tentado passar para Farmácia, no ano passado, sem sucesso. Outra que estava branca de farinha era Isabela Fiorese, 17, aprovada para Engenharia de Materiais, que diz ter estudando muito para ser bem sucedida no vestibular.

Igualmente muito festejados pela família eram Vitor Mazzochin, 20 anos, e Renato Bock da Costa, 17, que tiveram mechas dos cabelos cortados junto à lista que incluía seus nomes. O primeiro passou para Engenharia Civil, e Renato foi aprovado em Engenharia de Automação no primeiro vestibular que fez. “Me esforcei muito para chegar aqui”, disse ele.

A Comissão Permanente do Vestibular (Coperve) fará a premiação dos melhores colocados na recepção dos calouros, após o início das aulas, marcado para o dia 14 de março.



Foto: Vicenzo Berti

Alegria e decepção marcam a divulgação do listão nos ginásios do campus

Classificados por Estado de origem

Santa Catarina	4.181 (72,61%)
São Paulo	529 (9,19%)
Paraná	405 (7,03%)
Rio Grande do Sul	364 (6,32%)
Outros	279 (4,85%)

Instituição manifesta gratidão aos aposentados

Dedicação e contribuição são ressaltados na solenidade pela Administração Central

Foto: Paulo Noronha



Sala dos Conselhos iniciou o ano cheia de recém-aposentados

Moacir Loth
Jornalista na Agecom

Numa solenidade simples, mas emocionante, a Universidade Federal de Santa Catarina homenageou os 38 aposentados de janeiro de 2011. Realizada na Sala dos Conselhos, a sessão conduzida pelo reitor Alvaro Toubes Prata, pelo vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva e pelo pró-reitor Luiz Henrique Vieira Silva foi prestigiada por amigos, familiares, diretores de Centro e chefias dos homenageados.

Compondo a Mesa, a diretora em exercício do Departamento de Desenvolvimento e Atenção Social à Saúde, Lúcia Goretti Junkes, ressaltou que a iniciativa tem o objetivo de reconhecer e valorizar publicamente a dedicação e a contribuição dos recém-aposentados à Instituição.

Todos receberam das mãos do reitor, do vice e das chefias um kit contendo livro, DVD, caneta, boné, carta, dicas e cópias do Diário Oficial com publicação do ato. Lúcia leu um poema enfocando o novo momento: eles se aposentam da correria, mas não da vida. O pró-reitor de Desenvolvimento Humano e Social, Luiz Henrique, qualificou a solenidade como um “misto de satisfação e angústia”, sublinhando que, para ele, é “um privilégio demonstrar o reconhecimento àqueles que ajudaram a construir uma das melhores universidades do país.”

A homenagem foi organizada pela equipe do Departamento de Cultura e Eventos, ligado à SeCarte. O reitor Alvaro Prata frisou que “começamos o ano com a sensação de que muitos desafios nos esperam”, lembrando que a Instituição deve a todos “gratidão e reconhecimento” pela dedicação oferecida ao longo desses anos. Embora reconheça o “sentimento de perda”, o reitor espera que a UFSC “continue usufruindo da experiência e da maturidade dos aposentados”. Após desejar sucesso nessa nova etapa da vida, prometeu sempre acolhê-los de braços abertos na Universidade. “Sigam contando conosco. Esperamos estar à altura da dedicação que vocês deram à Instituição”, acrescentou.

Em nome dos homenageados, falou o técnico-administrativo Antônio Carlos dos Passos, mais conhecido como Toninho da Viola ou Toninho do DAE. O seu discurso provocou risos e choros. Além de contar histórias, observou que muitos dos presentes conheceu só agora. “A gente trabalhava o dia todo no setor. Daí saía para o botequim e para a casa”. afirmou que vai embora feliz e triste por deixar para trás muitos amigos verdadeiros. Finalmente, fez uma referência especial à Instituição que “me deu tudo e abriu as oportunidades para que meus filhos estudassem, buscando novos caminhos”. A solenidade será realizada todos os meses. Os 30 aposentados de fevereiro foram lembrados no começo de março.

Ombudsman

O valor do conteúdo

Levantamento recente do instituto norte-americano Pew Research Center mostrou que os jornais são responsáveis por cerca de metade da produção de conteúdo jornalístico novo. As demais mídias tradicionais (TV, rádio e outros) produzem quase todo o restante, e só 4% das informações inovadoras originam-se nas novas mídias - que são, portanto, simples replicadoras em escala exponencial dos conteúdos originais, produzidos principalmente pelos jornais. Há uma virtude negável nesta capacidade de repercussão das novas mídias, aptas a ampliar o escopo da comunicação em escala global e em tempo real.

O problema está no modelo caótico e insustentável delineado por circunstâncias do mercado, com a mera reprodução das informações originais, sem qualquer remuneração - muitas vezes, sem ao menos a citação da fonte. Outra pesquisa nos EUA atesta que cada matéria de jornal é reproduzida sem licença em média 4,4 vezes na Internet, chegando a 15 vezes nos títulos de maior credibilidade.

Informações inovadoras são aquelas que tendem a pautar o debate social, e a contribuir de forma decisiva para a formação diversificada de opinião dos cidadãos. Produzidas com seriedade, independência e qualidade custa caro.

Não é a toa que os jornais ainda hoje são os maiores produtores de informação original. Trata-se da mais antiga e tradicional das mídias, a que teve papel mais relevante nas transformações sociais, econômicas e políticas nos últimos 500 anos, razão pela qual tornou-se símbolo da própria democracia. Jornais têm sido, também, veículos de expressão de referências sagradas da literatura, como Machado de Assis,



Euclides da Cunha e Clarice Lispector, para citar só alguns.

O momento de inflexão é crucial: se a informação de qualidade, produzida com altos investimentos, simplesmente for replicada - em muitos casos, roubada - por agregadores de notícias, buscadores e outros, há um risco de simplesmente o modelo ruir.

Não é o caso de discursos retrógrados - de resto, inócuos. As novas mídias vieram para ficar, e devemos entendê-las como avanços que podem significar a melhoria do nível geral de informação, especialmente entre os jovens e em sociedades menos favorecidas. A questão está em encontrar um modelo saudável, que permita a continuidade dos padrões anteriores de qualidade na produção de informação e apuração de notícias. Caso contrário, perde a indústria jornalística, responsável pelos mais de 539 milhões de exemplares que circulam diariamente no mundo. Mas, muito pior, perde a democracia um dos seus maiores guardiões.

Judith Brito
Presidente da Associação Nacional de Jornais e diretora da *Folha de S. Paulo* (publicado originalmente na revista *Panorama Editorial*, edição nº 52, pág. 58, fev/mar/2010)

JU dos leitores

Bem-vindas todas as calouras da UFSC. Quem está redigindo esta nota gostaria de fazer um alerta. Florianópolis é uma cidade linda, lindas praias, pessoas bonitas e simpáticas. Porém, cuidado; temos culturas diferentes e personalidades diferentes. Cuidar da sua segurança pessoal é muito importante agora e para o futuro. Denuncie sempre quando algo não for do seu consentimento. Comentários, blogs,

comunidades, páginas eletrônicas ou torpedos. Cuidado com rapazes que não olham nos olhos, assim como nos filmes Lua Nova e Crepúsculo. Uma relação sem confiança e sinceridade pode ser a porta para uma série de ações que aparentemente não violentam, mas causam danos irreversíveis a sua dignidade. Dizer não vale muito.

Lília Castro dos Santos
fisioterapeuta

Venho parabenizar a equipe da Agecom pelo excelente trabalho realizado, sob sua coordenação, na elaboração dos encartes que foram publicados no Diário Catarinense. São excelentes matérias, muito bem elaboradas e que retratam um pouco da história da UFSC nestes seus

50 anos. Foram valorizados a Universidade, os estudantes, a graduação, a pós-graduação, os pesquisadores, os projetos sociais, enfim, toda a comunidade. Continuem contando com o Gabinete em suas demandas.

José Carlos Cunha Petrus
Chefe do Gabinete do Reitor

Acuso o recebimento do portfólio da Agência de Comunicação. Na oportunidade em que ressalto a qualidade do trabalho, aproveito para dizer-lhe

que faremos a devida divulgação no âmbito de nosso Centro.

Ricardo Araújo de Oliveira
Diretor do CSE



Foto: Paulo Noronha

Ansiedade é a marca dos dias de prova

A espera e a palavra amiga

Cláudia Shaun Reis
Jornalista na Agecom

Quase 30 mil candidatos fizeram as provas do Vestibular UFSC 2011 entre os dias 19 e 21 de dezembro do ano passado. Cerca de sete mil deles realizaram o concurso no campus sede da Universidade, em Florianópolis.

Gabriela de Melo, 20 anos, e Taira Zanon, de 18, vieram de São Paulo para tentar uma vaga em Relações Internacionais e Psicologia. “Escolhi a UFSC porque em Florianópolis a qualidade de vida é boa, além de a Universidade ser uma das melhores”, explica Gabriela. Taira concorda: “O curso de Psicologia da UFSC foi muito bem classificado pelo *Guia do Estudante*”.

Com a aproximação do horário de fechamento dos portões, às 13h45, o segurança Moacir Saturnino Lopes, de 58 anos, que guarda a portaria do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), se desdobrava para verificar os documentos dos que entravam, dar informações aos perdidos e ainda chamar em voz alta os que permaneciam do lado de fora: “Não percam a hora! Já tragam o documento de identidade em mãos!”.

Bianca Marchi, 16 anos, foi a única candidata com local de prova no CCE que chegou depois das portas se fecharem no dia 19. Estudante de Nova Trento (SC), ela não lamentou o atraso, porque faria o vestibular por experiência. “Já fiz outros dois concursos - de aí própria UFSC e outro da Udesc”. Frequentando curso pré-vestibular desde os 15 anos, Bianca pretende conquistar uma vaga em Medicina, com neste concurso continuou o mais concorrido, com índice geral de 66,31 candidatos por vaga. Para os que não optaram pelo Programa de Ações Afirmativas esse percentual chega a 77,77.

Às 14h, a primeira etapa do Vestibular, pelo menos para o segurança Moacir, que já choveu as portas do CCE, foi concluída. Dos 32 anos em que é funcionário da UFSC, 28 deles trabalhou no concurso. “Nos três anteriores não me candidatei, mas como estou me aposentando, fiz questão de trabalhar neste, que vai ser meu último”, orgulha-se. Ele conta que gosta de participar do vestibular porque “já tem a manha”: “quando os estudantes estão se aproximando eu aviso como devem entrar em sala - sem celular, relógio e calculadora -, assim eles já se preparam”.

O segurança diz que já guardou diversas portas da UFSC em todos esses anos de vestibular, orientando os candidatos de variadas formas: “Eu ia até o final das filas, e uma vez também subi, no Colégio de Aplicação, num local mais alto, gritando para que todos pudessem ouvir onde ficavam as salas. Foi por causa dos vestibulares que perdi minha timidez”, revela.

Junto com Moacir, o campus fica habi-

tado, nesse horário, pelos pais, parentes e amigos dos vestibulandos. Letícia Pisetta, de 18 anos, realizou as provas do vestibular em 2009, e neste ano a caloura de Farmácia aguardava o namorado - que concorre a uma vaga no curso de Design de Animação - aproveitando a sombra das árvores em frente ao CCE. Se passar, o casal poderia se ver com mais frequência, já que ele ainda mora na cidade natal dos dois, Rio Oeste (SC).

Letícia conta que está gostando do curso, apesar de não estar certa, ainda, se a profissão é a mais adequada para ela. As incertezas são amenizadas pelo pai, que lhe aconselha a prosseguir, mas se o desejo, no futuro, for mudar de área, ele também afirma que lhe apoiará. “Tenho muita sorte por ter meus pais. E tive sorte também quando procurei alguém para dividir apartamento”. A procura se deu pela internet: Letícia vasculhou a lista de aprovados em Farmácia e contactou a futura colega, e hoje companheira de moradia, combinando tudo sem conhecê-la. A parceria deu certo: hoje as duas são também boas amigas.

A longa espera e a palavra amiga - Vestindo uma camisa polo com o brasão da UFSC, o professor do curso de Engenharia de Materiais Fernando Cabral circula pelo campus atrás de pais ansiosos. Sua missão, nos três dias de concurso, foi conversar com quem ficou do lado de fora sentindo que as quatro horas de provas duram uma eternidade, e que nesse meio tempo as dúvidas e inseguranças se tornam muito maiores.

“Nessa hora, os pais sofrem muito mais que os vestibulandos. Geralmente é a primeira vez que o filho realiza algo importante, e os pais não podem fazer nada para ajudá-los”, explica. O professor Cabral, então, traz palavras amigas em forma de dados e curiosidades sobre Florianópolis e a Universidade. “Muitos nunca saíram de casa, e os familiares ficam receosos em deixá-los morar na cidade. Saber da qualidade dos nossos cursos, dos trabalhos de extensão, das pesquisas realizadas aqui e das possibilidades de intercâmbio faz com que eles se sintam mais seguros”, completa.

Pai de três filhos - todos formados pela UFSC - o professor relembra um fato que talvez o impulsiona a realizar esse trabalho: “a lista dos aprovados havia sido divulgada, e avistei de longe meu filho num canto, chorando. Enquanto me dirigia até ele, lembrava que seu desempenho tinha sido muito bom para que não conseguisse a vaga. Quando nos encontramos ele contou que havia conseguido; chorava, na verdade, pelos amigos que não passaram”.

“O ingresso na universidade e a formatura são momentos ímpares. E às vezes nós nos esquecemos da realidade de nosso país. Para muitas famílias, aquele filho é o primeiro que tem chances de cursar uma universidade federal. Também por isso a expectativa é enorme”, esclarece.

A Ilha e a gente no filme de mistério *A Antropóloga*

O longa de Zeca Nunes Pires ganha as telas em abril

Raquel Wandelli
Jornalista na SeCArte

Bruxos e bruxas, vampiros, lobisomens, anjos e demônios são personagens em alta na ficção contemporânea. Vieram do imaginário das mais diversas culturas para as telas do cinema cumprindo o gasto papel dos tradicionais heróis e vilões da indústria do entretenimento. Movido por um visível interesse afetivo pela cultura ilhoa, Zeca Pires, diretor do Departamento Artístico-Cultural da UFSC, não cedeu às fórmulas fáceis do mercado: inscreveu o universo mágico ilhéu nessa onda mística com o cuidado científico de um antropólogo e a delicadeza poética de um cineasta. Seu aguardado longa-metragem *A antropóloga*, que estreia no dia 8 de abril em todas as salas comerciais de Florianópolis, tem todos os ingredientes de um suspense, mas é, na verdade, um filme de mistério. Vencedora do Edital da Fundação Catarinense de Cultura de 2003, a obra preserva, pela

ambiguidade e sutileza, o silêncio respeitoso pelo mundo inapreensível do sagrado.

Com apoio institucional da Secretaria de Cultura e Arte da UFSC, da RTP dos Açores e do Fundo Municipal de Cinema, Zeca Pires levou nove anos para viabilizar financeiramente o segundo longa de sua carreira e chegar a essa síntese de tratamento artístico e antropológico da cultura popular. O respeito ao mistério tira *A Antropóloga* do lugar-comum das ficções que tratam o universo simbólico como espelho da realidade, onde as entidades sobrenaturais servem de mera caricatura para a reencenação maniqueísta da luta entre o bem e o mal. No drama de Carolina (Rafaela Barcelos), a menina com suspeita de empresamento bruxólico, o eterno embate entre o bem e o mal se faz presente, sobretudo no confronto final entre a antropóloga e a bruxa, mas está cercado de ambiguidades e contradições.

A obra foi vencedora do Edital da Fundação Catarinense de Cultura de 2003



Foto: Lúcio Flávio

O Polansky manezinho

A mulher que obseda Carolina é também o fantasma da mãe morta no parto, e pode sugerir os malefícios do apego, mas também a disputa pelo amor do pai viúvo e a somatização do sentimento de culpa da menina pela morte da mãe. Com a mesma complexidade, as benzedeiras e curandeiras, que se armam de resmas de alho, plantas para limpeza energética, objetos com poderes de exorcização e orações capazes de afastar as mulheres solteiras de seus homens, compartilham também com as bruxas feitiçarias e conhecimentos pagãos sobre os poderes medicinais das ervas. Malu, a antropóloga portuguesa interpretada com verdade pela atriz de teatro mineira Larissa Bracher, transita ela própria pelos dois planos. E experimenta a perseguição medieval às bruxas quando Sueli, a mulher crente do pescador Pedro insinua-lhe que não atravesse o seu caminho, avisando-a que na Ilha não há homens para ela.

A exemplo das grandes obras de mistério, assinadas por autores do talento de Edgar Allan Poe, Henry James ou o cineasta Roman Polansky, *A Antropóloga* coloca o espectador em contato com o mistério do sobrenatural sem dar a chave do segredo. O enredo transita sutilmente entre a explicação científica para o desenlace dos fatos e a abertura para o campo do inexplicável, que abala o ceticismo cientificista inicial da pesquisadora portuguesa. Em seu trabalho de campo na Costa da Lagoa, Malu se depara com uma miríade de indícios e relatos de magia que acaba associando aos registros do antropólogo ilhéu Franklin Cascaes e ao drama da menina. Como o pai Adriano (Luige Cútulo), que apesar de médico recorre à magia para salvar a filha, o abismo da morte desinstala a cientista das convenções acadêmicas.

No argumento de Tabajara Ruas, roteirizado por Tânia Lamarca e Sandra Nebelung, a origem da própria doença da menina, de onde parte o foco da narrativa, é mantida na ambiguidade. Tanto pode ser um tipo raro de câncer cerebral, conforme o diagnóstico oficial, como efeito do embruxamento provocado pela sétima filha mulher de uma família sem descendentes homens, em alusão a uma antiga lenda açoriana que encontra variantes em todo o mundo. Nesse sentido, a secretária de Cultura e Arte da UFSC, Maria de Lourdes Borges, compara o 35 mm de Zeca Pires a *O bebê de Rosemary*. "O segredo não se esgota nem na explicação científica do distúrbio paranóico da gravidez, nem na hipótese da paternidade diabólica", lembra a filósofa. No Polansky manezinho, Maria de Lourdes enaltece a solução final, que afirma o poder da magia como uma opção pelo encantatório em resistência à supremacia da lógica racional.

Enigmas milenares amalgamando diversas crenças

O mais interessante no filme é o que faz dele uma obra emblemática deste tempo e deste lugar onde continua a se proliferar o imaginário místico de herança celta-açoriana é a forma como atualiza enigmas milenares. A religiosidade ilhoa, que já é um amálgama de crenças pagãs com teologias de diferentes origens, é mergulhada no sincretismo contemporâneo que entrecruza catolicismo, espiritismo, umbanda, mesa branca, magia, xamanismo, protestantismo. Enquanto a mística Ritinha tenta curar Carolina do embruxamento, um grupo de adolescentes com tendências góticas aporta na Ilha atrás das convenções bruxólicas.

Em meio às bruxas, fadas, beatas, benzedeiras, curandeiras, rendeiras, pesquisadoras, cientistas, *A Antropóloga* faz um filme com atmosfera feminina. A obra canta a sensibilidade e a intuição femininas, a despeito do conteúdo contraditoriamente machista e misógino que por vezes permeia a cultura popular, herdeira da disposição política medieval de colocar na fogueira toda mulher que escapa ao controle da sexualidade e da religiosidade ortodoxa. "Por isso não criamos uma alegoria para as bruxas, pra que cada um formasse uma imagem e um conceito para si", explica o diretor, que resume assim sua obra: "Um elogio cinematográfico desprezioso e sutil à magia e ao poder das mulheres que encontra um lugar de resistência no cenário mágico da Ilha de Santa Catarina".

Na atualização da lenda, seria fácil escorregar para uma caricatura da cidade vendendo a imagem sedutora da paradisíaca Ilha das Bruxas. Mas Zeca preferiu o filtro diáfano das nuvens em um dia de pouca luz para dar visibilidade ao mistério da sua terra. Além da curiosidade cultural e do espírito de pesquisador que circundam a obra, dois outros recursos concorrem para produzir esse cuidado. Em primeiro lugar, a direção fotográfica, de Charles Cesconetto, foge ao clichê das imagens publicitárias e anestésicas das belezas turísticas. A câmera adentra o interior das matas litorâneas, revelando o sertão do mar, menos colorido, mas não menos fascinante. "Optamos por uma dessaturização da cor para produzir um efeito quase monocromático das imagens e fazer o público se concentrar na narrativa", conta Zeca. Com um orçamento de R\$ 1 milhão e 600 mil, baixo para os padrões brasileiros,

Foto: Lúcio Flávio



Zeca economizou a viagem para Açores produzindo a terra da pesquisadora na própria Ilha de Santa Catarina. O filme contou com o patrocínio da Petrobrás, Ancine, Fábio Perini, Tractebel Energia, Banco Bonsucesso, Eletrosul, Celesc, Fundação Badesc, Furnas, Angeloni e conta com o apoio da RBS.

O segundo recurso inovador é a intercalação da linguagem de documentário com a linguagem de ficção. Durante nove meses antes de iniciar as filmagens propriamente ditas, Zeca, que tem formação de documentarista e diversos títulos do gênero em sua filmografia, morou na Costa da Lagoa para vivenciar a cultura local e acabou aproveitando na trama as cenas documentais. Em seu trabalho de campo, a pesquisadora entrevistava estudiosos da cultura local, como Gelci Coelho, o Peninha, herdeiro do patrimônio intelectual de Cascaes, e Alésio dos Passos Santos, que foi seu guia nas expedições pelo interior da Ilha. Mas entrevista principalmente pescadores, moradores das comunidades, curandeiras, benzedeiras muito idosas (uma delas já faleceu), pescadores, enfim, esses habitantes que se escondem atrás das faixas de areia e encantam o filme com sua ingênuza malinagem. Como as inserções dos entrevistados são integradas ao contexto da narrativa e a entrevistadora é também a protagonista da história, a solução acaba por derrubar as fronteiras entre documentário e ficção, assim como o discurso da ciência e da cultura popular ficam no mesmo plano da linguagem.

Assim, a leitura do filme passa por várias camadas de interpretação que vão da mais racional a mais sensorial e nos damos conta de que todas transitam igualmente no mundo das possibilidades do simbólico. Nenhuma é capaz de fechar a porta do mistério e desestimular o espectador a uma nova leitura. Em seu célebre comentário aos poemas de Caproni, o filósofo italiano Giorgio Agamben fala da res amissa como o sentimento da coisa perdida, algo que possuímos tão intensamente que perdemos a consciência da sua presença e por isso se tornou inapreensível. Essa coisa do plano do invisível e do imaginário mais intocado da sua gente que Zeca Pires tenta evocar como matérias do sagrado que não podem ser consumidas pelo fogo do espetáculo.

Foto: Cláudio Silva

